

MICHAEL CONNELLY

O VEREDICTO

Tradução de Miguel Castro Caldas

1

Toda a gente mente.

Os polícias mentem. Os advogados mentem. As testemunhas mentem. As vítimas mentem.

Um julgamento é um concurso de mentiras. E toda gente no tribunal sabe isso. O juiz sabe isso. Até o júri sabe. Entram no tribunal sabendo que vão ser defraudados. Tomam os seus lugares na tribuna e aceitam ser defraudados.

Se estás sentado na mesa da defesa, o truque é ser paciente. Esperar. Não por uma mentira qualquer. Mas por aquela à qual te podes agarrar e que podes forjar como se fosse ferro quente, até teres uma faca afiada nas mãos. Depois usas essa faca para rasgares o caso e esvaziar-lhe as entranhas para o chão.

É esse o meu trabalho: forjar a faca. Afiá-la. Usá-la sem piedade nem escrúpulos. Ser a verdade num sítio onde todos mentem.

2

Era o quarto dia de julgamento no Departamento 109 do tribunal criminal do centro quando encontrei a mentira que se tornou a faca com que podia rasgar o caso. Barnett Woodson, o meu cliente, enfrentava duas acusações de homicídio que o levavam ao quarto cinzento de San Quentin, onde te embebedam com uma mistura de vinho e *Coca-Cola* directamente na veia.

Woodson, um *dealer* de vinte e sete anos, de Compton, era acusado de roubar e matar dois estudantes universitários de Westwood. Queriam comprar-lhe cocaína. Ele preferiu ficar-lhes com o dinheiro e matá-los com uma espingarda de canos serrados. Foi o que disse a acusação. Foi um crime de negro contra branco que já deixou Woodson numa situação suficientemente negra – sobretudo por ter ocorrido apenas quatro meses depois dos distúrbios que varreram a cidade. Mas o que fez a situação de Woodson ficar ainda pior foi o facto de o assassino ter tentado esconder o crime carregando os dois corpos e lançando-os na barragem de Hollywood. Ficaram quatro dias no fundo até virem à superfície como maçãs num barril. Maçãs podres. A ideia de cadáveres a decomporem-se na barragem, que era a principal fonte de água potável da cidade, revolveu colectivamente os estômagos da comunidade. Quando, através do registo das chamadas telefónicas, Woodson foi relacionado com os cadáveres e, por fim, preso, a revolta do público contra ele era algo quase palpável. O procurador anunciou que ia pedir a pena de morte.

No entanto, o caso contra Woodson não era assim tão sólido. Foi quase todo construído a partir de provas circunstanciais – os registos das chamadas telefónicas – e das declarações de testemunhas elas próprias criminosas. E a testemunha de acusação, Ronald Torrance, era a estrela deste grupo. Afirmou que Woodson lhe confessara os assassínios.

Torrance estava alojado no mesmo piso que Woodson, no Estabelecimento Prisional Central Masculino. Os dois homens estiveram num módulo de alta segurança com dezasseis celas individuais dispostas em duas filas que davam para uma ala comum. Na altura, todos os presos do módulo eram negros, seguindo o procedimento habitual mas questionável de «segregar para prevenir», dividindo os presos de acordo com as suas raças e gangues, de modo a evitar confrontos e violência. Torrance esperava julgamento por roubo e agressão agravada devido ao seu envolvimento nas pilhagens decorrentes dos distúrbios na cidade. Os detidos do módulo de alta segurança tinham acesso à ala comum das seis da manhã às seis da tarde, onde, à mesa, comiam e jogavam às cartas ou conviviam debaixo dos olhares vigilantes dos guardas, numa cabine elevada em vidro. Segundo Torrance, foi a uma destas mesas que o meu cliente confessou ter matado os dois rapazes de Westside.

A acusação encarregou-se de tornar Torrance apresentável e credível ao júri, o qual tinha apenas três membros negros. Fizeram-lhe a barba, cortaram-lhe o cabelo, e, quando chegou ao tribunal no quarto dia do julgamento de Woodson, tinham-lhe vestido um fato azul-claro, sem gravata. No interrogatório directo, conduzido por Jerry Vincent, o procurador do Ministério Público, Torrance descreveu a conversa que alegadamente tivera com Woodson numa manhã a uma das mesas de piquenique. Woodson não só confessara os assassínios, disse ele, como também lhe fornecera uma série de detalhes dos crimes. O ponto que o júri considerou relevante foi que se tratava de detalhes que só o verdadeiro assassino poderia conhecer.

Durante o testemunho, Vincent deu rédea curta a Torrance, com longas perguntas concebidas para obter respostas curtas. As perguntas eram tão elaboradas que chegavam a condicionar a resposta, mas não me dei ao trabalho de objectar, mesmo quando o juiz Companioni

olhou para mim com as sobrancelhas arqueadas, praticamente a implorar que eu intervisse. Mas não objectei, porque eu queria o contra-interrogatório. Queria que o júri visse o que a acusação estava a fazer. Quando fosse a minha vez, ia deixá-lo espraiair-se pelas respostas e ficaria à coca, à espera da faca afiada.

Vincent terminou o interrogatório às onze da manhã, e o juiz perguntou-me se eu queria comer alguma coisa antes de começar com o meu contra-interrogatório. Disse-lhe que não, que não precisava nem queria um intervalo. Disse-o como se estivesse enojado e não pudesse esperar mais uma hora para apanhar o homem no banco das testemunhas. Levantei-me e levei comigo para a mesa uma pasta grande e grossa e um bloco de notas.

– Mr. Torrance, chamo-me Michael Haller. Trabalho para o Gabinete dos Defensores Públicos e estou a representar Barnett Woodson. Já nos conhecemos?

– Não, senhor.

– Também não me pareceu. Mas você e o meu cliente, Mr. Woodson, já se conhecem há muito tempo, correcto?

Torrance fez um sorriso de indiferença, mas eu tinha feito o trabalho de casa e sabia exactamente com quem estava a lidar. Ele tinha trinta e dois anos e passara um terço da sua vida em prisões. A sua educação parara na quarta classe, quando deixou de pôr os pés na escola, sem que os pais dessem por isso ou se preocupassem. Com a lei para criminosos reincidentes, Torrance sujeitava-se a receber o prémio de carreira caso fosse condenado pelas acusações de roubo e agressão com arma de fogo contra a gerente de uma lavandaria. O crime fora cometido durante os três dias de distúrbios e pilhagens em toda a cidade, depois de terem sido declarados inocentes três polícias acusados do espancamento de Rodney King, um motorista negro que tinha sido mandado parar por condução perigosa. Resumindo, Torrance tinha uma boa razão para ajudar o Estado a dar cabo de Barnett Woodson.

– Quer dizer, há uns meses apenas – disse Torrance. – Na alta segurança.

– Disse «alta segurança»? – perguntei, fazendo-me de ingénuo. – Isso é uma igreja, uma seita religiosa qualquer?

– Não, módulo de alta segurança. Do condado.

– Então está a falar da prisão, correcto?

– Precisamente.

– Então está-me a dizer que não conhecia Barnett Woodson antes disso?

Fiz a pergunta com surpresa na voz.

– Não, nós conhecemo-nos na prisão.

Tomei nota no bloco de notas, como se isto se tratasse de uma importante concessão.

– Então, vamos lá fazer as contas. Barnett Woodson foi transferido para o módulo de alta segurança, sendo que o senhor, Mr. Torrance, também já lá estava no dia 5 de Setembro desse ano. Lembra-se?

– Sim, lembro-me dele chegar, sim.

– E porque é que lá estava, na alta segurança?

Vincent levantou-se e objectou, dizendo que eu estava a bater terreno que ele já tinha desbravado no interrogatório directo. Argumentei que procurava uma explicação mais detalhada sobre a prisão de Torrance, e o juiz Companioni deu-me liberdade de acção. O juiz disse a Torrance para responder à pergunta.

– Como já disse, por agressão e roubo.

– E esses alegados crimes aconteceram durante os distúrbios, não é verdade?

Com o clima antipolicial espalhado pelas comunidades minoritárias da cidade mesmo antes dos distúrbios, lutei para que, durante a selecção dos membros do júri, o painel tivesse o maior número possível de negros e latinos. Mas agora havia uma oportunidade de trabalhar com os cinco membros brancos do júri que a acusação tinha arranjado por mim. Queria que eles soubessem que o homem em quem a acusação se apoiava tanto era um dos responsáveis pelas imagens que tinham visto na televisão em Maio.

– Sim, eu estava lá, como toda a gente – respondeu Torrance. – Os polícias safam-se como muita facilidade nesta cidade, se quer saber.

Assenti, como quem concorda.

– E a sua resposta à injustiça das sentenças sobre o caso do espancamento de Rodney King foi roubar uma senhora de sessenta e dois anos e bater-lhe com o caixote de lixo. Acha isso correcto?

Torrance olhou para a mesa da acusação, depois para Vincent e para o advogado dele, sentado na primeira fila. Se tinham ou não ensaiado uma resposta a esta pergunta, neste momento a sua equipa legal não lhe valia de nada. Estava por sua conta.

– Eu não fiz isso – disse por fim.

– É inocente do crime de que é acusado?

– Precisamente.

– E a pilhagem? Não cometeu nenhum crime durante os distúrbios?

Depois de uma pausa e de mais um olhar para o advogado, Torrance disse:

– Sobre isso vou invocar a Quinta Emenda.

Era de esperar. A seguir, coloquei a Torrance uma série de perguntas pensadas para o deixar sem outra opção que não fosse a de se incriminar a si próprio ou a de se recusar a responder, sob a protecção da Quinta Emenda. Finalmente, depois de ter mordido o isco seis vezes, o juiz começou a ficar cansado de me ouvir sempre a insistir no mesmo ponto e instigou-me a voltar ao caso. Obedeci com relutância.

– Pronto, já chega de falarmos de si, Mr. Torrance. Voltemos a Mr. Woodson e a si. Conhecia os detalhes deste duplo homicídio antes de conhecer Mr. Woodson na prisão?

– Não.

– Tem a certeza? Falou-se muito...

– Eu estava na prisão, amigo.

– Não há televisão nem jornais na prisão?

– Não leio jornais, e as televisões do módulo têm estado sempre avariadas, desde que lá estou. Fizemos barulho e eles disseram que iam arranjá-las mas não arranjaram peva.

O juiz advertiu Torrance para que tivesse cuidado com a linguagem, e a testemunha pediu desculpa. Prossigui.

– De acordo com os registos da prisão, Mr. Woodson chegou ao módulo de alta segurança a 5 de Setembro e, de acordo com os elementos de prova da acusação, o senhor contactou a acusação a 2 de Outubro para declarar a sua alegada confissão. Está correcto?

– Sim, está correcto.

– Pois, para mim, não, Mr. Torrance. O senhor está a dizer a este júri que um homem acusado de duplo homicídio, com a possibilidade

de ser condenado à morte, confessou-se a um homem que conhecia há quatro semanas?

Torrance encolheu os ombros antes de responder.

– Foi o que aconteceu.

– É o que o senhor diz. O que é que vai obter da acusação se Mr. Woodson for condenado por estes crimes?

– Sei lá. Ninguém me prometeu nada.

– Com o seu cadastro anterior e com aquilo de que é acusado, arrisca-se a apanhar mais de quinze anos na prisão se for condenado, correcto?

– Não sei nada disso.

– Não sabe?

– Não, senhor. É o meu advogado que trata de tudo.

– Ele não lhe disse que se não fizer nada pode ir parar à prisão durante muito, muito tempo?

– Não me disse nada disso.

– Estou a ver. O que é que pediu à acusação em troca do seu testemunho?

– Nada. Eu não quero nada.

– Nesse caso, está aqui a prestar testemunho porque acredita que é o seu dever como cidadão, correcto?

Era notório o sarcasmo na minha voz.

– Correcto – respondeu Torrance, indignado.

Levei a pasta grossa ao banco das testemunhas para ele poder vê-la.

– Reconhece esta pasta, Mr. Torrance?

– Não. Que me lembre, não.

– Tem a certeza de que não a viu na cela de Mr. Woodson?

– Nunca estive na cela dele.

– Tem a certeza de que nunca lá foi espreitar e mexer no ficheiro das provas dele enquanto Mr. Woodson estava na sala de convívio ou no duche ou até mesmo no tribunal?

Torrance abanou a cabeça.

– Não. A única coisa que sei é que ele se sentou à mesa e me contou o que fez. Estava a sentir-se mal e abriu-se comigo. Não tenho culpa que as pessoas se abram comigo.

Assenti simpaticamente como se Torrance carregasse o fardo das confissões dos outros, principalmente de duplos homicídios.

– Claro que não tem culpa, Mr. Torrance. Agora, importa-se de contar ao júri exactamente o que ele lhe disse? Mas não quero a versão abreviada que usou quando Mr. Vincent o questionava. Quero ouvir exactamente o que o meu cliente lhe disse. Reproduza-nos as palavras dele, por favor.

Torrance fez uma pausa como se procurasse na memória e ordenasse as ideias.

– Bem – disse ele por fim –, estávamos ali sentados, cada um por si, e ele começou a dizer que se sentia mal com o que tinha feito. Eu perguntei-lhe, «o que é que fizeste?», e ele falou-me da noite em que tinha matado aqueles dois tipos e disse-me que se sentia muito em baixo.

A verdade é curta. A mentira é longa. Queria que Torrance se estendesse a falar, aquilo que Vincent tinha conseguido evitar. Os bufos das prisões têm uma coisa em comum com qualquer vigarista e aldrabão profissional. Tentam despistar a vigarice com despistes e fin-tas. Embrulham as mentiras com algodão. Mas normalmente acabamos por encontrar a chave do problema no meio de tanta embrulhada.